

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

Cristiane Serrato Bredow

A PROBLEMÁTICA DA INDISCIPLINA NA ESCOLA ATUAL

**CURITIBA
2010**

Cristiane Serrato Bredow

A PROBLEMÁTICA DA INDISCIPLINA NA ESCOLA ATUAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pós-
Graduação em Psicopedagogia da
Universidade Tuiuti do Paraná como
requisito para obtenção do título de
especialista em Psicopedagogia

Orientadora: Prof^a Me Irene Carmem
Piconi Pretes

**CURITIBA
2010**

Há pais que, por manter seus filhos na escola, acham que esta é responsável pela educação dos mesmos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas dos alunos, os pais jogam a responsabilidade sobre a escola.

Içami Tiba

AGRADECIMENTOS

Agradeço

A Deus pela vida, pelos momentos difíceis e ao mesmo tempo agradáveis que me impulsionaram a vencer mais uma etapa desta longa jornada: a realização deste trabalho. Ao meu esposo Thomaz pela paciência e compreensão e a minha filha Flávia por não ter dado toda a atenção necessária e também a professora Irene Pretes pelas orientações

Cristiane Serrato Bredow

SUMÁRIO

RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	01
2 REFERENCIAL TEÓRICO	03
2.1 A INDISCIPLINA NA ESCOLA E SUAS CAUSAS	03
2.2 A FAMÍLIA E A INDISCIPLINA	09
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

RESUMO

O presente artigo apresenta uma discussão sobre as questões da indisciplina na escola atual e a participação da família. O tema indisciplina escolar tem causado muita polêmica, inviabilizando algumas vezes a prática educacional. O desrespeito, falta de limites, ausência da família, são fatores responsáveis pela indisciplina na escola. A mesma na maioria das vezes é centralizada no aluno esquecendo-se que muitas vezes a educação inadequada pode ser a mola propulsora do problema. A família também é um dos temas muito discutidos hoje na área educacional. Devido a vida agitada dos pais e a ausência destes na vida escolar dos filhos, estes estão cada dia mais sem limites. Os pais acabam delegando à escola a função de educar seus filhos. As funções básicas da família estão de tal modo identificadas com a educação que não se pode tratar de uma, sem referir-se à outra. Desta forma a escola sofre os impactos da violência social. Hoje é comum ouvirmos situações em que professores são agredidos fisicamente, brigas entre alunos em muitos casos com morte. Cenas de desrespeito aos colegas, professores, alunos que levam armas para a escola e arruaças nas imediações da escola. Não é difícil encontrarmos casos que revelam a violência cada vez maior entre alunos de escolas particulares e públicas. Assim a violência gera efeito negativo no dia a dia da escola, na aprendizagem e no sucesso escolar dos alunos.

Palavras chave: Educação, Indisciplina, Família, Escola

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema, surgiu da prática vivenciada como profissional do magistério. Nessa caminhada como professora deparamo-nos com situações em que os educadores não conseguem resolver, pois o comportamento apresentado pelos alunos caminha em um campo amplo envolvendo uma realidade social a qual os alunos vivenciam diariamente. Os alunos hoje não têm limites. Ao observar todo o cotidiano escolar, observam-se reclamações e relatos de funcionários, professores e até mesmo da direção. A questão disciplinar também é vista como uma das dificuldades fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho escolar. Segundo os professores, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, como a bagunça, tumulto, falta de limites, mau comportamento e desrespeito.

A partir destas constatações é importante analisar a importância das relações entre família, escola e o comportamento do aluno, enquanto benefício para a sua aprendizagem. Muitas pessoas atribuem a culpa pelo comportamento indisciplinado do aluno à educação recebida na família, assim como à dissolução do modelo nuclear familiar.

As crianças são ao mesmo tempo, filhos e estudantes. Por isso, a escola e a família se constituem nas duas instituições mais importantes por agirem simultaneamente em busca de um objetivo comum, a boa aprendizagem das crianças. O ser humano é essencialmente um ser social que estabelece relações com outros seres no meio ao qual está inserido, ou seja, a família, a escola, e outras instituições sociais. E é neste espaço que ele irá desenvolver seus valores e princípios éticos e culturais.

Na atualidade, o grande desafio da educação brasileira é garantir educação de qualidade e o sucesso na trajetória escolar da maioria dos alunos da educação básica.

A instituição família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais ou responsáveis e suas práticas de culturas educacionais são aspectos que interferem no desenvolvimento individual, conseqüentemente influenciam no comportamento da criança e deste com o contexto escolar. As funções básicas da família estão de tal modo identificadas com a educação que não se pode tratar de uma, sem referir-se à outra.

Alguns fatores apontam as causas da falta de limites na educação das crianças de um modo geral, destacando os valores morais que sumiram do nosso cenário. O que vemos atualmente na mídia, é que a lei dificilmente consegue ser cumprida. Além disto, instaurou-se na cultura a idéia de que ser esperto é a grande jogada. Então por que seguir regras?

Assim sendo, o presente estudo objetiva a pesquisa sobre as possibilidades que a interação entre escola e família pode contribuir para a aprendizagem e a disciplina dos alunos, analisando a importância da participação dos pais no processo ensino aprendizagem dos alunos e levantando quais ações que a escola enquanto instituição pode contribuir para essa interação. Além deste fator, aborda-se outras questões relativas à indisciplina como problemas de aprendizagem, didática inadequada, problemas neurológicos e de aprendizagem.

Diante dessa preocupação, é de grande importância discutir o assunto com os segmentos da comunidade escolar, analisando as possíveis causas das diversas situações de indisciplina e atos de violência no interior da escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A INDISCIPLINA NA ESCOLA

A escola sofre reflexos do meio em que está inserida. O problema disciplinar é, frequentemente, repercussão dos conflitos da família e do meio social envolvente. Na escola contemporânea um dos grandes males é a indisciplina. Uma das questões mais discutidas na escola está ligada a ela. Essa constantemente gera muita polêmica e as causas são inúmeras.

No dicionário, o termo disciplina pode ser definido como:

Regime de ordem imposta ou livremente consentida. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. Submissão a um regulamento. (FERREIRA, 1977, p. 165)

O conceito de indisciplina tem sido associado à noção de disciplina. A leitura etimológica elaborada por GARCIA (2000, p. 51-52) sugere duas matrizes latinas associadas ao termo disciplina. De um lado o termo *discipulus*, originado do verbo *capere*, que descreve um indivíduo em situação de aprendizagem, que se apropria de algo que lhe é mostrado. Uma outra matriz seria o verbo *disco*, comumente traduzido por aprender ou tornar-se familiarizado. Dessa raiz deriva o sentido de disciplina como seguir ou acompanhar. Ainda em GARCIA (2000, p. 52-57) encontramos a idéia que, historicamente, a noção de disciplina vai se atrelar à noção de castigo e punição, e apenas mais tarde assume o sentido de ramo do conhecimento. No cenário das tantas mudanças da escola no século XVI, o conceito de disciplina vai estar fortemente associado à noção de controle sobre a conduta, contando com diversos aparatos tais como a avaliação educacional. Vemos então que a noção de indisciplina, como contraposição de disciplina, pode ser associada,

por exemplo, aos sentidos de ausência de conhecimento, ou de conduta contestatória ou divergente dos esquemas de controle social.

Na literatura educacional o conceito de indisciplina vem se modificando, tal como suas expressões na escola. Segundo GARCIA (1999, p. 103): "a indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes, é mais complexa e 'criativa', e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo efetivo".

No contexto escolar existiriam diversos fatores relacionados às expressões de indisciplina, tais como o desempenho cognitivo dos alunos, suas formas de socialização e as condutas que exercem na escola. Para GARCIA (1999, p. 104) as expressões de indisciplina tem sido relacionadas a fatores internos ou externos à escola. Entre as razões internas estariam, por exemplo, as condições de ensino e aprendizagem, a natureza do currículo, as características dos alunos, aos modos de relacionamento estabelecidos entre alunos e professores, e o próprio sentido atrelado à escolarização. Entre os fatores externos destacam-se a violência social, a influência da mídia e o ambiente familiar dos alunos.

Içami Tiba define a disciplina como "conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo". (1996, p. 117)

Para Montessori (citado por ESTRELA, 1992, p.78) "a disciplina não é, pois, um fim, mas um caminho que permitirá à criança saborear as alegrias da ordem interior, atingidas graças a conquistas sucessivas".

Se, por disciplina escolar entende-se a obediência a ensinamentos, regras e normas de conduta dentro da escola, então, de uma forma simples quem se coloca contra a disciplina é indisciplinado. Conseqüentemente não se pode falar em indisciplina sem falar em limites. Depara-se, muitas vezes, com filhos respondendo mal a seus pais, alunos não respeitando os professores e vice-versa, caracterizando

um crescimento da indisciplina e violência que vem a prejudicar o ensino e a aprendizagem, porque afeta diretamente a convivência. Assim como os pais, em casa, na escola, muitas vezes, os professores e pedagogos não conseguem estabelecer limites na sala de aula, não sabendo mesmo como agir diante dos comportamentos apresentados no interior da escola.

O autor coloca em seu livro como as principais causas da indisciplina na escola, os distúrbios psiquiátricos, neurológicos, personalidade, neuróticos deficiência mental, distorções de auto-estima, problemas de relacionamento com os colegas, distúrbios e desmandos de professores. Também pode-se incluir os chamados problemas de aprendizagem, elevado número de alunos em sala e didática inadequada.

Ives de La Taille (citado por TIBA, 1996, p. 10), apresenta a seguinte definição:

Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas. 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente: no segundo pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações.

A indisciplina caracteriza-se como as conversas paralelas, alunos que dormem ou brigam em sala de aula, o desrespeito aos colegas, professores ou com a própria instituição escolar como por exemplo as depredações e não acontece somente nas instituições públicas, mas também nas privadas. A diferença é que na escola pública é mais visível e na particular a relação com a escola é de clientelismo e este sempre tem razão, é ele quem manda, portanto nem sempre é levado a sério.

No ambiente escolar o entendimento dos professores sobre as expressões de indisciplina acabam adquirindo várias conotações. Em uma pesquisa realizada por OLIVEIRA (2002, p. 90), a percepção de indisciplina entre professores, engloba: não respeitar professores e colegas, não cumprir regras pré-estabelecidas, ser mal comportado, malcriado, perturbar o trabalho dos colegas e professores, fazer

barulho, não permitir o bom funcionamento da aula, falar o tempo todo, provocar desordens, boicotar as aulas, faltar com pontualidade, rebeldia à autoridade e ofender os colegas e professores. O trabalho de OLIVEIRA (2002, p. 93) apresenta a indisciplina interpretada pelos professores segundo uma sinuosa leitura comportamental. Assim, por exemplo, algumas expressões de barulho ou conversa, são indisciplina, mas o silêncio não tende a ser pensado como tal.

Muitos educadores consideram seus alunos com problemas de comportamento como um estorvo em sala de aula, tratando de forma diferente os alunos com os quais tem grandes expectativas em detrimento dos indisciplinados e acabam perdendo a autoridade inerente à sua função, até mesmo em consequência de lacunas em sua formação.

Quando se vê uma criança maltratando um colega, agredindo física ou verbalmente qualquer pessoa, percebe-se que isto se deve muitas vezes ao fato de esta criança sofrer maus tratos ou assistir situações violentas em casa. A primeira recomendação para sanar este mal é não usar de violência, procurar conhecê-la e oferecer-lhe segurança não estimulando a culpa e sim a responsabilização.

As manifestações de indisciplina, muitas vezes, podem ser vistas como uma forma de se mostrar para o mundo, mostrar sua existência. Em muitos casos o indivíduo tem somente a intenção de ser ouvido por alguém, então para muitos alunos indisciplinados a rebeldia é uma forma de expressão.

Muitas escolas não oferecem espaços adequados para a prática de esportes, para brincar ou correr nos intervalos. Diante disso, o espaço escolar fica limitado somente à sala de aula, como crianças e adolescentes detêm muita energia, a falta de locais para “gastar” essa energia conduz à indisciplina. Sendo produto de uma sociedade na qual os valores humanos tais como o respeito, o amor, a

compreensão, a fraternidade, a valorização da família e diversos outros são ignorados, indisciplina cresce constantemente,

A questão das aulas desinteressantes também é motivo para indisciplina dos alunos. Não adianta exigir que os alunos cumpram as tarefas se a estratégia de ensino e o tema não dizem nada a eles. Ficar irritado, gritar e castigar os que não se comportam como o professor quer, atitudes autoritárias e retrógradas não adiantam nada. É preciso diversificar a metodologia tornando assim as aulas mais atrativas. Para Freinet (citado por ESTRELA, 1992, p.78), "só há desordem quando há falha na organização do trabalho, quando a criança não está ocupada numa atividade que responde aos seus desejos e às suas possibilidades".

O aluno desinteressado não vê a escola de forma atrativa. Observa-se que as salas de aula, embora com o esforço de alguns professores ainda não são atrativas. Não é apenas o discurso do professor que está pouco atraente, o próprio ambiente físico é desestimulante principalmente se compararmos aos estímulos da mídia. Assim, a escola é menos "show" que a televisão, a internet e outros tipos de mídia, ou seja, a escola deixa de ser estimulante comparada a outros meios de comunicação.

Muitas vezes, o que se pretende que os alunos aprendam está longe dos seus interesses e mesmo da sua capacidade de aprendizagem. Atrás da desmotivação vem o desinteresse e o aborrecimento. Embora não se possa considerar que estes, por si só, conduzam a comportamentos indisciplinados, dado que a indisciplina é, por definição, multi-fatorial, juntando-se a fatores ambientais e sociais.

As escolas do passado seguiam um sistema tradicional, exigindo dos alunos um comportamento quase militar, o clima da aula era caracterizado, pela quietude, pela criação de um grupo de estudantes dóceis, que participavam na aula como

meros receptores, o que tinha como consequência a rapidez do ato pedagógico. Desenvolvia-se pouco a capacidade crítica e a iniciativa individual.

Quando ocorriam atitudes de indisciplina, os castigos, muitos deles físicos, eram aplicados. Porém, muita coisa mudou, hoje a escola não adota mais uma postura repressiva e violenta. Estamos numa época de valorização da democracia, cidadania e respeito. Desta forma, acabar ou diminuir com a indisciplina em sala de aula é um dos objetivos para melhorar as condições de aprendizado dos alunos.

Cabe ao professor identificar os motivos da indisciplina. Observar os alunos e estabelecer um diálogo pode ajudar muito neste sentido. Muitas vezes, a indisciplina ocorre porque os alunos não entendem o conteúdo ou acham as aulas cansativas. Nestes casos, o professor pode modificar suas aulas, adotando atividades estimulantes e interativas. Esta atitude costuma gerar bons resultados. O professor deve ser um exemplo, para que possa exercer, sem autoritarismo, a sua função educativa. Deve proporcionar, na sala de aula, um clima de participação e respeito, sem esquecer que o aluno é um indivíduo com direito a ter dúvidas, a ter dificuldades, a ter opiniões, a colaborar e a ser criança.

Em outras situações, a indisciplina ocorre a partir de uma situação de conflito e enfrentamento entre alunos e professor. Neste caso, o professor deve buscar conversar e ouvir os alunos. Cabe ao professor desfazer o clima de conflito e tentar solucionar a situação.

Uma outra boa sugestão é criar algumas regras comuns para o funcionamento das aulas. O professor pode fazer isso com a ajuda dos próprios alunos. Dentro destas regras podem constar: levantar a mão e aguardar a sua vez antes de perguntar ou falar, fazer silêncio em momentos de explicação, falar num tom de voz adequado, etc.

A criança traz para a escola valores que já estão estabelecidos por sua família e pela sociedade a qual pertence. Portanto, se desrespeitar os professores, brigar na escola, agredir os colegas, desvalorizar o ensino e a educação, não representa para a família um valor, o jovem não sentirá culpa por seu comportamento indesejável, pois sente vergonha daquilo que para ela não representa um valor. A relação do aluno com a escola é afetada pela significação que os pais dão a ela, aos estudos de seu filho e a relações dele com os demais.

Na atualidade a questão mais discutida com relação à indisciplina e a falta de limites na escola é a ausência da família, assunto que abordaremos no capítulo seguinte.

2.2 A FAMÍLIA E A INDISCIPLINA

As pessoas que rodeiam o aluno, mais propriamente as pessoas da família, influem muito no seu comportamento, pois a criança nasce no seio desta, sendo, portanto, os pais os primeiros educadores. A ação da família começa desde o berço, muito antes da ação da escola. Sendo a importância da ação familiar na tarefa educativa reconhecida pela escola, impõe-se uma íntima colaboração, que deverá significar a ajuda mútua na consecução do ideal educativo.

A família baseada na organização nuclear até pouco tempo, era considerada ideal pelo modo dominante de pensar na sociedade e, por isso, bastante usada para classificar famílias. Todos os outros modos de organização familiar que se diferenciavam deste modelo eram vistos como desestruturados, desorganizados e problemáticos.

Nesta compreensão de família há, sem dúvida, um julgamento que não é científico, mas moralista, pois se utiliza, de um padrão como referência, considerando os outros inadequados.

A família é uma construção histórica e sociocultural, cuja configuração foi se adaptando conforme as alterações da sociedade. A noção de convivência familiar difere-se de uma camada social para outra, na qual se caracteriza pela estrutura social, através da inserção no mercado de trabalho, na participação da seguridade social e o acesso aos bens de consumo.

A família patriarcal, com o pai dando todas as ordens, já não é preponderante, inclusive porque nas favelas, principalmente, há falta de homens, fazendo com que a mulher assuma as duas funções: paterna e materna. Nesse sentido, tratar as famílias de hoje da mesma forma que as de outrora, exigindo delas as mesmas responsabilidades e atribuições de então seria agir sem sintonia com a realidade atual.

As desigualdades sociais presentes na sociedade e a exclusão do mercado formal de trabalho dificultam ainda mais a situação das famílias, que muitas vezes não conseguem prover minimamente as condições básicas de sobrevivência de seus filhos. Quando podem contar com as políticas sociais, tentam manter a convivência familiar que é indispensável à cidadania.

Ao longo da história brasileira a família vem passando por transformações importantes que se relacionam com o contexto sócio-econômico-político do país. No Brasil Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identificamos um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos, que à mulher, era destinada a castidade, a fidelidade e a subserviência. Aos filhos, considerados

extensão do patrimônio do patriarca, ao nascer dificilmente experimentavam o sabor do aconchego e da proteção materna, pois eram amamentados e cuidados pelas amas de leite.

A partir das últimas décadas do século XIX, identifica-se um novo modelo de família. A Proclamação da República (1889), o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituem terreno fértil para a proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originário da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mãe e poucos filhos. O homem era o detentor da autoridade e "rei" do espaço público, enquanto a mulher assumia uma nova posição: "rainha do lar". Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar.

Antigamente, casar, criar filhos era um projeto de vida, agora tal projeto ficou relegado a um plano secundário e, praticamente, perdeu o sentido, como perderam o sentido os valores a longo prazo. A humanidade como um todo está perdendo o sentido propriamente humano da afetividade e compromisso com o conjunto para a individualidade, o consumismo, a solidão.

No âmbito legal, a Constituição Brasileira de 1988, aborda a questão da família nos artigos 5º, 7º, 201º, 208º e 226º a 230º além de apontar inovações no artigo 226 com um novo conceito de família: união estável entre o homem e a mulher (§ 3º) e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (§ 4º). E ainda reconhece que os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher (§ 5º). (BRASIL, 1988)

Nos últimos anos, várias mudanças ocorridas no plano sócio-político-econômico relacionadas ao processo de globalização da economia capitalista vêm

interferindo na dinâmica das famílias e possibilitando mudanças em seu padrão tradicional de organização.

A aparente “desorganização” da família é um dos aspectos das recombinações que ela vem sofrendo, a qual se, por um lado, pode causar problemas, pode, por outro, apresentar soluções. Trata-se, pois, de um processo contraditório que, ao mesmo tempo em que abala o sentimento de segurança das pessoas, com a falta ou diminuição da solidariedade familiar, proporciona também a possibilidade de emancipação de segmentos tradicionalmente aprisionados no espaço restritivo de muitas sociedades conjugais opressoras. Com ele, também, os papéis sociais atribuídos diferenciadamente ao homem e à mulher tendem a desaparecer não só no lar, mas também no trabalho, na rua, no lazer e em outras esferas da atividade humana.

Nenhuma criança nasce folgada, ela aprende a ser. A indolência constante não é natural conseguida resultado da dificuldade de realizar seus desejos. A criança só pode ser considerada folgada quando conhece suas responsabilidades e não as cumpre. (TIBA, 1996, p. 37)

Muitos pais acabam dando liberdade excessiva a seus filhos, criando filhos indisciplinados, cheio de dengos, que não conseguem conviver com obrigações rotineiras e sentem-se frustrados quando não são o centro das atenções. A maior parte dos alunos vem de lares desestruturados, por isso apresentam um comportamento tão agressivo. O problema da indisciplina também está associado à desvalorização da escola por parte dos pais, que dificilmente aparecem na escola, muito menos nas reuniões, além de não acompanhar a vida escolar dos filhos e tomar conhecimento de seus comportamentos na escola. A indisciplina, então, passa a ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, do não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou de um grupo. Se em casa muitas vezes os pais não conseguem

administrar as situações criadas pela falta de limites dos filhos, numa sala de aula a situação torna-se muito mais complicada.

As crianças precisam aderir às regras de valores e conduta. Estes limites não devem ser vistos de forma negativa, mas sim de forma positiva. O limite situa o indivíduo dentro da família, escola e sociedade como um todo.

Embora, a cada momento histórico corresponda um modelo de família preponderante, ele não é único, ou seja, concomitante aos modelos dominantes de cada época, existiam outros, com menor expressão social. Neste início de século podemos identificar a presença do homem patriarca, da mulher "rainha do lar" e da mulher trabalhadora. Assim, não podemos falar de família, mas de famílias, para que possamos tentar contemplar a diversidade de relações que convivem em nossa sociedade.

Desta forma, família e escola devem ser pensadas de forma articulada sendo que cada uma das partes deve ser preservada em suas características próprias. No âmbito escolar, é preciso buscar o envolvimento da família na aprendizagem, valorizando e orientando os pais ou responsáveis, no sentido de incentivar as boas relações com a escola e todos que fazem parte deste ambiente. A família deve ser um lugar por excelência para educar.

A disciplina, como criadora de condições para aprender, não pode cuidar de condições individuais, deve cuidar também de criar um ambiente, um clima, que ajude as pessoas a aprender. Cada um deve contribuir com o seu modo de ser e estar pronto para ajudar a construir um ambiente escolar estimulante.

É antes de entrar para a escola que a criança adquire o mais claro e o mais importante da sua riqueza intelectual. A partir desta compreensão, constata-se que, a família mesmo com novos conceitos, ou recombinações, ainda não perdeu o seu

papel precípua, ou seja, espaço que aponta possibilidades de “(...) proteção, de pertencimento, socialização e criação de vínculos relacionais e geracionais”. (ACOSTA, 2003, p.121)

Por isso é importante a potencialização das famílias, através do Estado que pode ser direcionado como grande aliado e fortalecedor deste grupo, proporcionando apoio e fornecendo condições ao desempenho das responsabilidades a elas atribuídas.

Por assumir um papel fundamental na sociedade, a família acaba reproduzindo valores ideológicos. A função social atribuída à família é transmitir estes valores que constituem a cultura, as idéias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo os padrões dominantes e hegemônicos de valores e de conduta.

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se organizando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes, desempenhando um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, e será a principal influência para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Antes da escola, a família é o primeiro e mais importante educador e formador. Existe ainda o mito de que a educação se resume apenas ao acesso às

instituições de ensino, mas ela é produzida também na família e demais espaços sociocomunitários.

A família reflete os problemas da sociedade bem como a presença ou ausência de valores nos diversos contextos humanos, como é o caso do desempenho escolar. No ambiente escolar existem dois tipos de famílias: aquelas que demonstram interesse pela vida escolar de seus filhos e filhas, integrando-se ao processo educacional e participando das atividades da escola, sempre que possível, e aquelas que consideram que sua participação é dispensável ou inadequada e preferem simplesmente omitir-se do processo escolar. Pais que participam do dia-a-dia das escolas acompanhando o desempenho dos filhos e também a atuação dos professores contribuem para um melhor aproveitamento escolar.

A família e a escola mudaram muito. Antes, a família era cúmplice da escola. Hoje deposita suas funções e delega suas responsabilidades a ela, porém a crítica. Cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família. (PIRES, in: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000100009&script=sci_arttext). Acesso em 26 de jan. de 2010

A ação da família é, no entanto, uma ação complementar à da escola e a ela subordinada, porque muitas vezes a família perde a legitimidade sobre sua competência de “bem educar”. É necessário que haja um resgate no papel da família no aprendizado dos seus filhos. Outro fato relevante é que às vezes, afirma-se que a família não consegue mais educar os seus filhos ou escapa da sua função. A esse respeito, o grande problema, é que os pais não se interessam em participar da escola e da vida dos filhos. Desta forma torna-se necessário que a família por sua vez assuma sua parcela de participação ativa e presente no ambiente escolar.

O sistema de ensino é um espaço onde as expressões da questão social também se apresentam. Atualmente o sistema demonstra insuficiência de vagas e baixa qualidade, com a deterioração do ensino público, gerando disparidades, do ponto de vista qualitativo, entre os setores públicos e privados da educação

nacional. Desta forma a realidade social necessita que a escola cumpra com mais efetividade, a função social de aproximar a família do contexto escolar. Situações como: baixo rendimento, desinteresse, indisciplina, falta de limites, vulnerabilidade às drogas, comportamento agressivo e evasão escolar são elementos que pontuam a fragilidade do sistema educacional no Brasil, para isso é necessário que a família e a comunidade assumam parcerias para minimizar ou reverter estas questões.

A escola deveria ser um espaço onde a segurança e a proteção estivessem presentes, mas muitas vezes torna-se um local de exclusão, de violência e acesso a drogas, lícitas ou ilícitas. É necessário que o Estado assuma seu dever de prover a educação pública, garantindo acesso e a permanência do aluno na escola.

É preciso reconhecer que a família independente do modelo como se apresente, pode ser um espaço de afetividade e de segurança, mas também de medos, incertezas, rejeições, preconceitos e até de violência. Assim, é fundamental que conheçamos os alunos e as famílias com as quais atuamos, quais são suas dificuldades, seus planos, seus medos e anseios. Enfim, perceber quais características e particularidades marcam a trajetória de cada família e consequentemente, do educando.

O direito à educação, bem como o direito ao acesso e a permanência na escola tem sido garantido reiteradamente nos aportes legais, seja na Constituição Federal (1988), Estatuto da Criança e do Adolescente (8.069/90) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96) dentre outras, tendo como finalidade a formação do sujeito para o exercício da cidadania, preparação para o trabalho e sua participação na sociedade. Assim, a qualidade dos serviços prestados à população e de modo especial ao usuário da escola pública, tem como objetivo seu pleno desenvolvimento. Apenas para para ilustrar, o artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente coloca o direito à educação, ao acesso e permanência na escola. Direitos que precisam ser perseguidos por todos os profissionais que trabalham em educação, garantindo o pleno desenvolvimento da criança e do adolescente, contribuindo em sua formação para exercer a cidadania. (NOVAIS, et. All, 2001, p. 10)

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido em Legislação Nacional e

nas Diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como:

- Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55º.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), artigos 1º, 2º, 6º e 12.
- Plano Nacional de Educação (aprovado pela Lei n.º 10172/2007), que define

como uma de suas diretrizes a implantação de Conselhos Escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na melhoria do funcionamento das instituições de educação e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos.

Não podemos deixar de registrar a recente iniciativa do MEC que instituiu a data de 24 de abril com o Dia Nacional da Família na Escola.

A educação é política pública pertence aos direitos sociais. Portanto, o conceito de educação deve ser ampliado para uma perspectiva e função sócio-educativa em parceria com a comunidade.

A interação entre família e escola não deveria ser reduzida apenas a reuniões formais e contatos rápidos, mas ocorrer regularmente em momentos de maior intercâmbio, nos quais a família pudesse efetivamente participar do cotidiano da escola. É importante salientar que o fracasso ou o sucesso escolar de cada um é influenciado por diversos fatores, sendo o envolvimento da família com a escola apenas um deles, pois também contam a cultura familiar e as oportunidades vividas por estes educandos.

As expectativas das famílias em relação ao futuro são fatores que podem cooperar ou não para que os alunos estejam motivados para um bom desempenho escolar. É provável que uma investigação da história de vida escolar dos

responsáveis por estes alunos aponte os fatores relacionados com o tipo de relação que esta família desenvolve com a escola e a origem dessas expectativas.

Ao que tudo indica, a única forma de superação da situação na qual se encontra a educação pública brasileira atualmente seria aproximar a escola não só das necessidades das famílias, mas também de sua cultura. Na atualidade, os alunos se vêem obrigados a conviver com situações de violência, desespero e desesperança, ante as quais, a maioria dos profissionais destas escolas assiste a tudo como meros expectadores, sem perspectivas de um futuro humanizado. Desse modo, as relações entre as pessoas passaram para segundo plano, pois atualmente o que menos importa é o outro.

É imprescindível que pais, mães ou responsáveis pelas crianças e adolescentes compreendam a necessidade da interlocução entre escola e família, pois tal fato pode contribuir para enriquecer e facilitar o desempenho escolar do aluno. Portanto, é necessário que participem na vida escolar dos filhos.

Atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que os professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras até hábitos de higiene pessoal. Justificam alegando que trabalham cada vez mais, não dispendo de tempo para cuidar dos filhos. Devido ao corre-corre diário muitos não tem paciência com os filhos e o único gesto de aproximação que a criança recebe, muitas vezes, é a agressão.

Além disso, alguns pais acreditam que educar em sentido amplo é função da escola. E, contraditoriamente, as famílias, sobretudo as desprivilegiadas, não valorizam a escola e o estudo, que antigamente era visto como um meio de ascensão social. A escola, por sua vez, afirma que o êxito do processo educacional

depende, e muito, da atuação e participação da família, que deve estar atenta a todos os aspectos do desenvolvimento do educando. Reclama bastante da responsabilidade pela formação ampla dos alunos que os pais transferiram para ela, e alega que isto a desviou da função precípua de transmitir os conteúdos curriculares, sobretudo de natureza cognitiva. Com isso, ao invés de ter as famílias como aliadas, acaba afastando-as ainda mais do ambiente escolar.

A escola deve ser entendida como um dos equipamentos sociais do Estado, da sociedade, portanto não pode estar separada das demais esferas que compõem esta estrutura.

Atualmente uma das situações em que a escola preocupa-se é manter uma educação de qualidade que possa desenvolver no indivíduo a cidadania. Especificações presentes na Lei da Educação acentuam que

Desenvolver o educando, assegurar-lhe a educação comum, indispensáveis para a educação da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos superiores. (BRASIL, LDBEN, 1996, ART.22)

Hoje, a necessidade é promover uma educação que leve à formação integral do aluno para que se possa despertar a consciência crítica, mas o que está acontecendo é que os educadores precisam lidar diariamente com um número cada vez maior de alunos sem limites. A disciplina é social e não somente individual. Partindo desse pressuposto, o aluno indisciplinado é reflexo da escola, família e sociedade. Filhos sem limites são alunos indisciplinados. A falta de limites da criança reflete a permissividade da família.

A disciplina, é o acontecimento da aprendizagem em sua plenitude, dentro de uma dinâmica organizada e orientada pelo professor, cujo desenvolvimento não depende de um padrão pré estabelecido. Ao contrário da indisciplinada, que é percebida como um estado gerado pela ociosidade dos alunos e seu desencanto na escola. O professor possui autoridade, e não deve usá-la de forma abusiva, mas por

ela, apresentar suas idéias, conhecimentos e experiências, sem desrespeitar o conhecimento do grupo, sempre encorajando-os à participação, encarando-os como sujeitos conscientes e responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem.

“A escola só conseguirá preencher sua função quando houver o entrosamento dos pais com a escola (...)”. (PILETTI, 1997, p. 17)

A primeira socialização da criança ocorre na família, conseqüentemente as atitudes e maneiras culturais dos pais, influenciam no desenvolvimento da criança, suas atitudes e comportamentos que ocorrem na escola. Porém, os traços que a caracterização ao longo de seu desenvolvimento não dependerá somente das experiências vivenciadas no interior das famílias, mas de inúmeras aprendizagens que realizará em diferentes contextos socializadores, dentre estes os vivenciados no espaço da escola.

A situação social e econômica faz com que a maioria dos pais se ausentem, delegando a terceiros a função de educar seus filhos. Na maioria das vezes, estas pessoas não tem preparo para exercer tal função. Um dia é a mãe e o pai, no outro pode ser a avó, ou a babá. Cada um usando formas diferentes de lidar com cada situação. Isto dificulta a delimitação de limites, pois aquele que ceder mais, se transforma no mais querido. A inserção da mulher no mercado de trabalho também vem contribuindo para esta problemática.

Para (VASCONCELLOS, 2000, p. 102), “Percebemos duas realidades contraditórias nas famílias: ou ausência de regras, ou a imposição autoritária de normas”.

A ausência dos pais na vida da criança, em virtude da carga horária dedicada ao trabalho, deixa a convivência educacional aos cuidados da escola, desde os primeiros momentos, nas creches e nas instituições educacionais, do governo ou

particulares. Esta necessidade familiar gerou um sentimento de culpa nos pais, que, para compensar tais circunstâncias, acabam sendo permissivos em demasia com os seus filhos, impedindo, por conseguinte, momentos de se educar e proporcionar os valores que devem ser seguidos, derivados dos próprios valores existentes nos pais e na constituição da personalidade da criança. Contudo, abre-se nova polêmica neste rastro de educação sem limites, ao lembrarmos que muitos pais com filhos hoje adolescentes e outros adultos vêm de uma geração na qual pregou por muitos anos a idéia de que a liberdade total era a melhor saída, sendo que os resultados são desastrosos.

Tentando suprir a ausência na vida dos filhos, os pais não estabelecem limites. Assim, se em casa tudo é permitido e podem fazer tudo o que querem por meio de condutas inadequadas, o mesmo irá se refletir na escola. É preciso entender que a liberdade de um indivíduo não deve ser usada em prejuízo do bem estar da comunidade, pois ninguém tem o direito de ferir a liberdade dos demais. A disciplina escolar não deve ser um conjunto de regras negativas, é preciso fazer isto, é proibido fazer aquilo.

Outra condição a ser pensada é o exagero que os pais têm com relação aos traumas que poderão causar, caso venham a ser mais enérgicos na educação dos seus filhos.

Acostumados desde cedo a impor sua vontade, a criança e o adolescente não aceitam ser contrariados. A reação bem conhecida é espernear, gritar e chorar, onde acabam praticando atos mais graves que preocupam a todos. A liberdade em excesso é a falta de limites. Nesse sentido, em que converter "não" em "sim" torna-se rotineiro, a criança terá dificuldades de acatar as regras da escola. Todos perdem com esta situação.

Nas escolas a relação entre o aluno e o professor chegou a uma condição muito favorável, quando entendemos que a participação do aluno está maior, diferentemente de outras épocas onde o papel se restringia apenas a ouvir e guardar as informações que chegavam.

A criança de hoje está mais bem estimulada e responde com maior agilidade ao meio, o que lhe confere a boa posição de ser participante nos grupos sociais; casa e escola especialmente. Todavia, dada a falta de condução por conta da educação sem limites, a criança acaba se tornando um canhão sem direção, que atira para vários lados ao acaso a acerta em quem estiver na trajetória, e a si mesma invariavelmente.

“A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso diálogo entre escola, pais e filhos”. (REIS, 2007, p. 6)

O resultado é que, sem a necessária disciplina, os pais estão entregando às escolas, crianças com falta de valores e limites, como foi observado, deixando a cargo dos professores a tarefa de educá-los (que seria dos pais), criando situações insustentáveis nas escolas, em que os professores têm que acumular as funções de professores e educadores, com pouco resultado, já que crianças com maior idade, não são facilmente controladas, conduzindo a atritos e agressões como vem sendo observado na maioria das escolas.

É necessário o trabalho conjunto da família com a escola, pois ambas formam uma grande família. A escola tem o papel de colaboradora e não pode exercer a função única e exclusivamente de educar. Os pais tem que mostrar aos filhos os valores da vida.

Devido à importância que o sistema educacional tem na vida das pessoas, é através da educação que as pessoas atingem seus objetivos. Costuma-se compreender a indisciplina, no meio educacional, como a manifestação de um indivíduo ou de um grupo com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação. Como também na incapacidade dos alunos em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados.

A disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao ordenamento, ajustamento e controle desejados de cada aluno e da classe como um todo. É curioso observar que qualquer inquietação, questionamento, discordância, conversa ou desatenção por parte dos alunos é entendida como indisciplina, já que busca obter a tranquilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade dos alunos de tal forma que não haja nada nelas nem fora delas que as possa distrair dos exercícios passados pelo professor, nem fazer sombra à sua palavra.

A vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social. A escola por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de ser vistas apenas como prescrições castradoras, e passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. E dentro desse pensamento, o professor é o disciplinador que educa, oferece parâmetros e estabelece limites.

Outra tendência presente na concepção dos educadores é a de associar a disciplina à tirania. Qualquer tentativa de elaboração de parâmetros ou definição de diretrizes é vista como prática autoritária, que ameaça o espírito democrático e cerceia a liberdade e espontaneidade dos alunos. Nesta versão, a disciplina assume uma conotação de opressão e enquadramento. Sendo assim, apresentar condutas indisciplinadas pode ser entendido como uma virtude, já que pressupõe a coragem de ousar, de desafiar os padrões, de se opor à tirania muitas vezes presente no ambiente escolar.

De acordo com a matéria publicada no jornal Gazeta do Povo em 08/03/2009, a psicóloga Lídia Weber, diz que

há atitudes que são essenciais na educação dos filhos. Colocar regras consistentes, lógicas e claras para a criança, oferecer modelo de comportamento adequado, incentivar a autonomia, ensinar valores morais, estar presente e ter interesse real pelos filhos, praticar a não-violência e demonstrar amor, carinho e afeto por gestos e palavras são as indicações da especialista. Outros dados apontam que pais omissos têm mais chances de ter filhos envolvidos com mentiras, violência e drogas, o oposto do que ocorre quando os pais são participativos. Segundo a pesquisa, entre os que mentem sempre, presentes. A participação dos pais tem reflexos em ações cotidianas, como a frequência escolar. Entre os que matam aula frequentemente, 43% são filhos de pais omissos, contra 13% adolescentes criados por pais presentes.

É mais do que claro que a omissão dos pais nos primeiros passos para a educação de seus filhos é a maior vilã da situação atual das crianças. Ora, tempo é uma questão de preferência. A mãe atual não pode responsabilizar o seu emprego, nem o pai. Parece que quanto mais facilidades, mais os pais se acomodaram e quem tem que corrigir os erros são os professores.

Se engana quem pensa que os jovens de rua sejam os principais culpados da violência nas escolas. A violência está presente em todas as classes sociais. A sobrecarga no trabalho e a falta de tempo livre da vida moderna pode deixar os pais desatentos com relação à família, o que transforma o ambiente dentro de casa, refletindo no comportamento dos filhos. Os pais perdem o controle sobre o jovem e

não cumprem a obrigação de educar, não exigem limites e dão tudo aos filhos como forma de compensar a impaciência ou, muitas vezes, a falta de tempo.

Desta forma a escola sofre os impactos da violência. Hoje é comum ouvirmos situações em que professores são agredidos fisicamente, brigas entre alunos em muitos casos com morte, espancamentos, cenas de desrespeito aos colegas, professores, alunos que levam armas para a escola e arruaças nas imediações e fora da escola. Não é difícil encontrarmos casos que revelam a violência cada vez maior entre alunos de escolas particulares e públicas. Assim a violência gera efeito negativo no dia a dia da escola e na aprendizagem dos alunos.

“A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará”. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p.6)

Observa-se assim, que a participação da família na educação das crianças vai além de ajudar a resolver as atividades que são propostas na sala de aula. Quando realizado com responsabilidade, o papel da família gera efeitos tão ou mais significativos do que os alcançados pela escola. É preciso que a família interaja com a escola, debata seus problemas, questione suas causas, sugira idéias que levem as resoluções dos mesmos, fazendo com que a criança perceba que é valorizada e que existe um sistema integrado, buscando desenvolver ações que propiciem condições ideais para uma boa aprendizagem.

Geralmente a escola mantém um contato unidirecional com as famílias, procurando-as apenas quando os alunos têm problemas de desempenho ou disciplinares que não consegue solucionar atribuindo a responsabilidade de solução às famílias.

Apesar de procurarem o apoio das famílias nessas situações conflituosas quando não conseguem manter a disciplina, quando as crianças demonstram desinteresse pela aprendizagem, quando demonstram não aprender os conteúdos escolares, por exemplo, os professores resistem às interferências familiares, especialmente se essas se direcionarem ao seu fazer pedagógico e se a interação é iniciada pelos pais.

Desde 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais, além de sugerirem a ampliação do próprio conceito de família indicam que a presença dos pais nas escolas deve ser incentivada para que a distância entre essas instituições seja diminuída, sugerindo o exercício de papéis parentais mais ativos nos processos de escolarização e limites dos filhos.

A presença da comunidade é um dos caminhos para reverter o problema, porque ao envolver a comunidade na organização escolar, se estreita o vínculo aluno família e escola, tornando mais eficaz a superação de conflitos. Câmeras, e policiamento ostensivo nas escolas podem ajudar, mas não é a solução, uma vez que expulsando os responsáveis pela agressão, não são expulsas as razões que levam às situações de violência. E é importante que alunos, professores, diretores voltem a sentir o prazer de conviver nesse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina é uma questão complexa a ser resolvida e entendida devido aos vários fatores que levam a desencadeá-la. O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), acaba contribuindo para o aumento dos atos de indisciplina na escola devido à permissividade que apregoa comparando com a escola de antigamente.

Como pode-se observar no presente estudo, a literatura educacional apresenta vários fatores que desencadeiam a indisciplina, são elas de cunho emocional, aprendizado, neurológicas e desestruturação familiar. A indisciplina tem se caracterizado como fonte profunda de estresse nas relações interpessoais dentro da escola, especificamente ao associar-se a situações de conflito no interior da sala de aula. A violência, em todas as suas formas, assusta, incomoda e deixa marcas que são difíceis de apagar. As agressões entre alunos e destes com professores têm se intensificado de maneira assustadora. O bullying é um exemplo disto, acontece em todas as escolas, particulares ou públicas e a maior incidência é com os meninos. A mídia vem há algum tempo mostrando a toda população as situações violentas ocorridas no interior de inúmeras escolas. A prática se concentra entre a intimidação e humilhação geralmente de pessoas passivas que não tem condições de exercer poder sobre alguém ou um grupo

A interação entre família, escola é de fundamental importância para o bom comportamento e desenvolvimento escolar do educando. A escola também, não exclusivamente, em sua função deve contribuir para a interação entre família aluno e escola. A falta de diálogo entre pais e filhos é um dos fatores que contribuem para o

aumento da violência nas escolas. Pode-se afirmar que os alunos estão sem limites em muitos casos, por causa da ausência dos pais.

Assim sendo, a ação da escola é complementar à da família na troca de idéias, no diálogo, e num apoio mútuo, uma se torna aliada da outra para o êxito de um trabalho ou objetivos propostos. A família e a escola constituem-se em agentes socializadores por definição. Faz-se urgente, portanto que estas duas instituições repensem suas ações e propostas enquanto instâncias de referência na disseminação de conhecimentos.

A falha na formação dos educadores acaba levando à falta de autoridade em sala de aula e aulas desinteressantes, o que acaba dando margem à falta de limites e comportamentos indisciplinados.

Diante desse panorama, é necessário estudar, analisar, dialogar e verificar o que pode ser feito, enfim, procurar caminhos para conter, enfrentar, reverter e prevenir esse quadro. Esse é o desejo de professores, diretores, pedagogos, funcionários, pais, enfim, de todos aqueles fazem parte do universo escolar. Não se pode deixar a escola perder a sua identidade e nem cruzar os braços esperando que os conflitos se resolvam por si mesmos ou acreditando que os alunos que causam os conflitos não têm mais jeito, que são inaptos ou que serão desajustados para sempre. Usar o bom senso e algumas regras para estabelecer limites na educação não arranca pedaço de ninguém.

Diante do exposto, este trabalho não pretende esgotar as considerações, pois o assunto origina-se em vários contextos e é amplo na temática, mas, contribuir para que o problema seja discutido e analisado buscando soluções que garantam a escola como um espaço de convivência saudável, crescimento pessoal e intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, A R; VITALE, M. A F. **Família: redes, laços políticas públicas**. São Paulo: ISS, PUCSP, 2003.

BERTOTTI, João Natal. **Filhos são reflexo do modo de vida dos pais**. Jornal Gazeta do Povo, Curitiba, 8 mar. 2009. Disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=864726&tit>

BRASIL. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CARVALHO; M. C. B. **A Família Contemporânea em Debate**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

DUBET, François. **O que é uma escola justa**. São Paulo: Cortez, 1997.

ESTRELA, M. T. **Relação Pedagógica: disciplina e indisciplina na aula**. 3.ed. Porto: LDA, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

KALOUSTIAN , S. M. **Família Brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, UNICEF, 1998.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, Vozes, 2000.

OLIVEIRA, J. H. B. **(In)disciplina na sala de aula: perspectiva de alunos e professores**. Psicologia, Educação e Cultura, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 69-99, 2002.

PILETTI, C. **Didática**. São Paulo: Ática, 1997.

PIRES, Doroteia Baduy. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000100009&script=sci_arttext. Acesso em 26 jan. 2010.

REIS, Risolene Pereira. In: **Mundo Jovem**, Nº 373. Fev. 2007, p.6 revista.

SANTOS, B. **A Família em nossa Sociedade de Conflitos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. 8. ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 2000 – Cadernos Pedagógicos do Libertad.